

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO
 Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	700	120
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	750	120

35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1205

20 de Junho de 1912

Redacção — Atelier de gravura — Administração
 Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
 Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CRONICA OCCIDENTAL

«Haja quem nos governe»!... depois de uma trezena de dias em que este país esteve sem governo.

Ainda houve quem se lastimasse mais da falta de electricos, em Lisboa, do que da de ministros, pois aquella falta contrariava muito mais o egoismo comodista do lisboeta, desacostumado de andar por seu pé, emquanto a falta de ministros não a sentia tanto, atendendo a que estes não lhe serviam para andar neles.

Uns ou outros politicos permitiram-se gotejar algumas lagrimas crocodilanas, tentando convencer os cidadãos pagantes, de que tudo isto era por amor da Patria e para defeza da Republica, que, de resto, não se sabe bem ao certo quem a ataca, mas o publico não se comoveu e continuou a perguntar muito mais por electricos do que por ministros.

Afinal reconheceu-se que tinha razão, porque, enfim, ministros sempre se arranjam a contento dos varios grupos politicos, emquanto os mesmos grupos se não descontentarem, mas electricos não ha de quê, continuando a campearem as galeras de mudança e as carroças de fanico arvoradas em carros de passageiros, batoendo-se com os automoveis, que andam numa poeira pelas ruas da cidade, matando a cada esquina os pacificos transeuntes.

Nesta bõa disposição de comodidades é que Lisboa acolheu, ha dias, em seu seio suficientemente sujo, a missão Panamá Pacifico a que, á ultima hora, a cronica se referiu no numero passado.

Será inutil encarecer a importancia que tem para Portugal aquella missão, desde que se saiba que o nosso país oferece aos Estados Unidos da America do Norte os melhores portos da Europa Occidental e Meridional, para o seu comercio. Isto está dito e repetido de ha muito, entretanto não é demais relembral-o, no campo pratico em que a vida das sociedades é hoje considerada.

Ha mais de um seculo, em tempo de D. João V, já se faziam projectos para dotar o Tejo com as obras necessarias, que atraissem ao porto de Lisboa o comercio mundial. O magnifico rei preferiu fazer o suntuoso convento de Mafra. Empregou bem o seu tempo e o dinheiro da nação...

O marquês de Pombal tambem concebeu o plano de estender a cidade de Lisboa até Cascaes e estabelecer um porto franco, mas não teve tempo de executar esse plano.

No terceiro quartel do seculo passado, Mariano de Carvalho, esse grande talento tão mal aproveitado, teve em vista, quando ministro da fazenda, tentar estabelecer uma zona franca nas margens do Tejo. Os baldões da politica atrofiaram tudo, como é costume da casa.

Agora vem a Missão Panamá Pacifico a este «jardim da Europa á beira-mar plantado» e se não se lhe póde oferecer um porto livre, com as suficientes docas e caes acostaveis, onde o seu comercio e os seus navios encontrem todas as garantias de que careçam, oferecem-se-lhes, pelo menos, as frescas sombras de Cintra com suas lindas flôres, na quinta de Monserrate, ou os *Lusíadas*, na Sociedade de Geografia, o melhor que possuímos e de que ainda não conseguimos dar cabo.

Os noticiarios quotidianos referiram largamente, como bons reporters, todos os passos da Missão, composta dos srs. John Hags Hammond, presidente; Ruben Brooks Hale, vice-presidente da Exposição; William Tomas Seson, vice-presidente da Camara do Comercio de San Francisco; contra-almirante Sidney A. Stanton; general Clarence R. Edwards; Harris Hammond; Archibald Emery; T. Hardece e C. F. Wilson.

O presidente do ministerio demissionario fez as honras da casa aos illustres hospedes, quer na Sociedade de Geografia, aonde foram recebidos, quer no palacio da Republica, onde o sr. dr. Manuel de Arriaga teve occasião de desenferujar a lingua falando inglêz como bom professor que é; quer na Associação Commercial, que lhes preparou recepção condigna, numa sessão solemne, em que reuniu os representantes das forças vivas do país, muito principalmente do comercio e da industria, achando-se a municipalidade de Lisboa representada pelo seu venerando presidente sr. Anselmo Braancamp Freire.

Porventura nesta sessão é que mais se falou do que interessava aos nossos hospedes e ao trabalho nacional.

Falou-se de produtos a exportar e de importações a fazer, e reconheceu-se quão deficientes eram as relações de comercio entre os dois países.



D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, com os seus netos, admitida socia da Academia das Sciencias de Lisboa
 (Cliché da Fotografia Universal, do Porto)

No entanto é de saber que a emigração portuguesa para a America do Norte, foi iniciada ha mais de meio seculo, quando as riquezas auríferas da California seduziram o espirito português, sempre disposto para o maravilhoso. Contaram-se então historias fantasticas das minas de ouro da California onde o precioso metal se encontrava em tal abundancia como coelhos em mato por desbravar.

E milhares de portugueses para lá partiram sonhando riquezas fabulosas. Dos que de lá voltaram não se sabe, mas o certo é que por muitos anos quando aparecia, fóra da baralha, algum português rico, todos perguntavam se ele teria ido á California!

A ideia da California empanou por algum tempo a ideia do Brasil, o *el dourado* dos portugueses.

Essa numerosa emigração sobretudo dos Açores, formou o nucleo da colonização portuguesa naqueles Estados, por onde se tem espalhado e nos ultimos anos ela tem tido maior incremento desde Boston ao Hawaii.

Em Boston já, em 1895, os portugueses da ilha de S. Miguel fundavam, por iniciativa de Antonio Jorge a primeira associação intitulada Sociedade de Socorro Mutuo Micaelense, com 61 socios. Em poucos anos esta sociedade estendeu a sua influencia aos diferentes pontos da colonia portuguesa, onde se foram formando novos nucleos, como sucursaes que se denominaram concelhos, os quaes se elevam hoje ao numero de quarenta e cinco, contando dez mil socios. Não ha em Portugal nenhuma associação com tal numero de socios.

As micaelenses não se ficaram atraz e no Hawaii tambem fundaram o ano passado o seu primeiro concelho de socorro mutuo que denominaram *Viscondessa do Porto Formoso*.

Este concelho depressa se desenvolveu, conseguindo no espaço de um ano criar mais quatro concelhos, sob o titulo de *Boa Esperança* com cerca de quinhentos associados.

A mesma colonia já mantem o jornal *O Popular*, publicado em Honolulu, donde respigamos estes ultimos dados que aqui ficam á consideração dos leitores.

Vê-se pois que, sendo já importante a colonização de portugueses nos Estados Unidos da America do Norte, o envio de fundos de nossos compatriotas para a terra mãe, com dificuldade se fazia indirectamente, por Londres ou Paris, muita vez com prejuizos cambias, por os bancos americanos não trocaram negociações directas com as praças portuguesas. Por este mesmo motivo o credito do comercio português era nulo nas praças americanas, e que a navegação era tão restrita que, de 10:794 navios entrados nos ultimos anos em portos portugueses, só 29 foram americanos e esses, na Horta e no Funchal, sendo pequenos e de vela.

E' uma minima amostra por onde se calcula quanto Portugal, envolvido no seu velho costume da politica caseira, tem descurado os seus interesses vitais no comercio mundial.

Agora nos vem bater á porta os americanos, acaso melhor avisados do que nós, incitando-nos a concorrer á grande Exposição de S. Francisco, para a qual os diferentes Estados da America do Norte concorrem com a famosa quantia de cinquenta milhoes de dolars!

Agora nos vem dizer a Missão Panamá Pacifico, pela bôca de um dos seus membros, o sr. Ruben Hale, que: «O futuro de Portugal é indiscutivelmente muitissimo lisongeiro, visto que não ha porto com melhor situação do que o de Lisboa. Este porto é de todos o mais proximo da America e tem facilidades sem iguaes.»

Tudo isto cá se deve saber, mas é o mesmo do que nada.

Dentro em tres anos estará aberto á navegação o Canal do Panamá, obra gigantesca, que, segundo parece, por uma velha carta geografica existente na Sociedade de Geografia de Lisboa, os portugueses foram os primeiros a imaginar, como primeiros foram a descobrir o extremo norte da America, que hoje se chama Canadá, situado entre 42° 12' a 52° 16' de latitude N. e 66° 30' a 97° de longitude O. Isso custou a vida a alguns portugueses, principiando pelos celebres irmãos Côrtes-Reaes, o primeiro, Gaspar, que ali aportou em 1501 e lhe chamou Terra Verde, e, vindo ao reino a dar nova do seu descobrimento, para lá tornou a partir donde mais não voltou. O segundo irmão, Miguel, que foi em sua procura no ano seguinte e teve a mesma sorte, perdendo-se navios e tripulações em que eles iam, como por fim se perderam duas naus que el-rei Manuel mandou em sua busca.

De tudo isto ficou o nome português de Terra

do Labrador que faz parte dos Estados Unidos e que inda hoje conserva.

Mais felizes são os portugueses de hoje, que á America poderão ir numa viagem curta que o Canal do Panamá vae permitir, e é para isto que a missão americana nos veiu convidar, como ao povo da Europa que mais perto ou visinho lhe fica para o seu comercio.

Está no fim a ultima tira de papel para esta cronica e não ha espaço para maior referencia ao novo ministerio que ha dois dias tomou conta das redeas do governo. Só se poderá dizer que o presidente do ministerio, sr. dr. Duarte Leite, é homem de tempera rija suficiente para não transgredir com sectarismos e cortar a direito, o que vale tanto como que dizer que a situação não se manterá muito tempo, no meio das insofribas ambições e vaidades que gravitam em volta do poder.

Comtudo, daqui até á cronica que vem, sempre o novo ministerio se aguentará, e então ella se occupará dêste e do mais que houver, como se dizia nos antigos programas dos divertimentos publicos.

CAETANO ALBERTO.



D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos

Não seria preciso que a Academia das Sciencias votasse a admissão em Capitulo da sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, para que o OCCIDENTE se honrasse publicando o retrato da illustre escriptora que, por tantos titulos, tem jus a todas as homenagens dos portuguezes, sendo a que hoje aqui lhe é prestada a somenos.

A Academia das Sciencias de Lisboa, rompendo com os velhos preconceitos, deu um raro exemplo de confraternidade e de justiça, tendo em vista simplesmente o talento, como aquelle que não tem patria nem sexo.

A sua irman franceza, couraçada sob as venerandas cabelleiras dos seus immortaes, negou a M.^{me} Curie, a grande sábia, o admittil-a no seu gremio, com uma rispidez nada gauleza, para com uma senhora.

Foi mais bizarra, foi mais justa a nossa Academia e só ha que lhe tecer louvores por uma tal resolução, attentas as superiores qualidades que concorrem n'esta senhora.

Alleman por nascimento, veiu encontrar em Portugal a sua segunda patria, como veiu encontrar quem lhe captivou o seu coração de mulher, casando com o illustre homem de letras e sabio, sr. Joaquim de Vasconcellos.

O talento não lhe fez obliterar o sexo. Quiz ser esposa, quiz tanto ser mãe das suas obras litterarias como mãe de seus filhos, e teve o prazer de irradiar a luz do seu espirito nos livros que tem publicado, e cumpriu os deveres de mulher criando uma prole em que já conta netos, loiras creanças em que se revê e se enleva, como nas não menos preciosas creações do seu sêr.

No discurso que o sr. dr. Mendes dos Remedios pronunciou na sala dos actos por occasião de receber na Universidade a sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, disse o erudito reitor, entre outros periodos de merecido elogio á illustre senhora:

«E' um bom signal dos tempos, meus senhores, a vinda da sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos para a Universidade de Coimbra. Ella, como a pomba da narração genesiaca, traznos o ramo de oliveira, viridente e florido symbolo da paz, do progresso e do estudo. Não posso n'este momento alongar-me sobre o que é e o que vale esta assombrosa mentalidade, que tem toda a pujança dos cerebros dos individuos da sua raça — *par droit de naissance* — junta ao encanto e á emotividade do nosso povo, que é tambem o seu, *par droit de conquete*» (1).

Depois d'estas auctorizadas palavras que ahi ficam transcriptas, que poderei eu — modestissimo plumitivo litterario — escrever ácerca de tão erudita e intelligente senhora, uma das maiores figuras, senão a maior das escriptoras da litteratura portugueza?

Foi o meu velho amigo Caetano Alberto, o activo e diligente director do OCCIDENTE, quem me mettu n'estas andanças, encarregando-me de acompanhar com algumas palavras o retrato de tão preclara senhora, attendendo a que me seria agradável referir-me a uma dama que tão ine-

quivocas provas de consideração me tem prestado desde que — por intermedio do fallecido erudito dr. Sousa Viterbo e do venerando escriptor dr. Theophilo Braga — com esta senhora manteenho relações epistolares, relações motivadas por um assumpto litterario. A verdade é que se se me torna agradável esta tarefa, tambem não é menos verdade que me encontro embaraçado para me desempenhar d'ella. Enquadrar o retrato de tão eminente senhora n'uma pessima moldura não é, decerto, das cousas que mais devam agradar; como, porém, a bôa-vontade deve supprir o minguido engenho, estou certo de que a sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos me perdoará o arrojo do commettimento por querer patentear publicamente a minha gratidão pela maneira affavel, graciosa, terna e quasi maternal como sempre tem acolhido — ha nove annos, isto é, desde que tenho a honra de com ella me corresponder — todas as minhas impertinencias, tententes apenas — immodestamente o digo — a prestar, quanto em minhas forças caiba, um serviço ás creanças portuguezas a quem adoro e a quem cêdo a maior parte do tempo, para lhes educar e distrair o espirito, com a san leitura dos contos dos amovaveis escriptores germanicos Jacob e Guilherme Grimm. E se, realmente, as creanças me dedicam a mesma sympathia que eu a ellas lhes consagro, isso é devido em grande parte a essa bondosa senhora que com tanta amabilidade tem incitado o meu braço e o meu intellecto a transpôr em portuguez esses deliciosos contos ingenuos, castos e puros, já aconselhando-me, já dando-me indicações, já emprestando a sua intelligencia, traduzindo e emendando alguns, já cedendo-me — para que eu os conhecesse e os fizesse conhecer — os retratos dos apostolos do Bem e da Candura: os irmãos Grimm!

E não será esse paragrapho um trecho vaidoso e pessoal? Talvez; mas eu, francamente, não me sinto com forças de medir-me com os astros de primeira grandeza que giram em torno de tão fulgurante figura de mulher para me alargar em dithyrambos de louvor.

Limite-me, pois, a consagrar mais algumas palavras de congratulação pela honra que lhe foi concedida e que foi o principal motivo d'esta homenagem.

A sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, foi nomeada — por decreto de 19 de junho de 1911, referendado pelo sr. dr. Antonio José d'Almeida, então ministro do Interior — para o logar vago de professor ordinario do grupo de philologia germanica da Faculdade de Lettras da Universidade de Lisboa.

A illustre senhora requereu — allegando motivos de saude — a sua transferencia para a Faculdade de Lettras da Universidade de Coimbra (ramo de philologia românica). Esse requerimento foi deferido, de maneira que, em 19 de janeiro do corrente anno, a sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos foi officialmente apresentada, ás tres horas da tarde, na *Sala Grande dos Actos*, onde se pronunciaram discursos festivos referentes á merecidissima honra com que o governo houve por bem distingui-la.

Cumprimos um dever em saudar e felicitar tão sympathica e erudita senhora, lamentando apenas que as nossas palavras tenham tão pouco brilho que careçamos de recorrer á bonita e singela phrase de Menendez y Pelayo para dar como finda a nossa tarefa:

«D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, essa benefica fada que a Allemanha enviou a Portugal para illustrar gloriosamente as lettras peninsulares.»

Concluindo estas palidas linhas, resta-nos deixar aqui umas breves notas biographicas sobre a sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos que encontramos na bella *Revista da Universidade de Coimbra*.

«Nasceu em 15 de março de 1851 em Berlim. Seu pae, o professor dr. Gustav Michaëlis, morreu em 1895; sua mãe, perdeu-a ella ainda muito nova.

«Dos sete aos dezeseis annos frequentou a *Luisenschule* de Berlim, exercendo a maior influencia no seu espirito o professor dr. Karl Goldbeck. Em poucos annos se distinguiu notavelmente, sobretudo no conhecimento das linguas, sendo a primeira que aprendeu a hespanhola, que aos 14 annos ella comprehendia perfectamente. Em 1868 publicou — *Erläuterung zu Herder's Cid*, em Leipzig (1).»

«Vieram, a seguir, os estudos das linguas afins

(1) *Revista da Universidade de Coimbra* — Vol. I, n.º 1 — Março de 1912.

(1) E' o vol. 15 da *Bibliothek der deutschen Nationalliteratur*.

e depois, alargando e completando, os das linguas orientaes, o sanscrito, e o arabe. Na sua casa de Berlim, entre os irmãos, um dos quaes, Carlos Theodoro, era professor, e uma irman — Henriqueta, auctora d'um *Diccionario Portuguez-Allemão* — entre as pessoas amigas, Carolina Michaëlis de Vasconcellos era a menina sabedora e prodigiosamente erudita, mas simples, sympathica e affavel, como sempre o foi.

«Em 1876 appareceu o seu livro importantissimo de linguistica — *Studien zur romanischen Wortschöpfung*, Leipzig, no mesmo anno em que ligava, pelo casamento, os seus destinos aos de Joaquim de Vasconcellos, o erudito archeologo, que todos admiramos.

«Na *Norddeutsche Allgemeine Zeitung*, de Berlim, de 17 de maio de 1877, escrevia por occasião do apparecimento d'esta obra o dr. Eduardo Engel: «in demselben Jahre, in welchem Diez, für die Wissenschaft ewig zu früh uns entrissen wurde, erchien das besprochene Werke von Frau Michaëlis-Vasconcellos; sie tritt da mit würdig in die Fusstapfen ihres grossen Vorbildes und ist vielleicht dazu berufen, in vielen Beziehung seine geistige Erbschaft anzutreten.» (1) D'este periodo por deante a illustre escriptora não fez mais do que avançar na senda dos conhecimentos, dándonos, de vez em quando, já em livros, já em revistas, o producto das suas locubrações, sempre acolhidas com alvoroço.

«Não ha duvida de que a sr.^a D. Carolina é uma mentalidade superior, verdadeiramente excepcional, e que as mulheres têm razão em erguer o seu nome por entre os maiores elogios, exclamando como esta sua compatriota alleman: «*Wir deutschen Frauen... dürfen mit Stolz sagen: Diese Frau, gleich hochstehend als Mensch, Gattin, Mutter und Gelehrte: Sie ist unser.*» (2)

E para concluir, cedemos logar á *Bibliographia*, por intermedio de Alvaro Neves — o actual e intelligente conservador da Bibliotheca da Academia das Sciencias de Lisboa — que amavelmente se prestou a collaborar na modesta homenagem que lhe tributa O OCCIDENTE.

XIII-V CMXII.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.



Bibliografia Portuguesa

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos

- 1868 — *Erläuterung zu Herder's Cid*. Leipzig.
 1870 — *Colección de autores españoles. Tomo XXVII. Tres flores del teatro antiguo español. Las mocedades del Cid. El conde de Sex. El desden con el desden*. Publicada com apuntes biographicos y criticos. Leipzig.
 1875 — *Colección de autores españoles. Tomo XXXIV. Antología española. Colección de poesias liricas*. Primeira parte: Poetas de los siglos xv-xviii. Leipzig.
 1876 — *Studien zur Romanischen Wortschöpfung*. Leipzig.
 1880-1882 — *Luis de Camoens. Sammtliche Gedichte*. Zumberten Male deutsch von Wilhelm Storck. Pader Son.
 1881 — *Ein Portugiesisches Weihnachtsanto*. Pratica de tres pastores. Mit Einleitung und. Glossar. Braunschweig.
 1885 — *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*. Edição feita sobre cinco manuscritos ineditos e todas as edições impressas. Acompanhada de um estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossario, e um retrato. Halle.
 1889 — *Sete annos de pastor Jacob servia*. Soneto de Camões. (Tiragem de 39 exemplares). Porto.
 1891 — *Der Portugiesische Infinitiv*. (Sonderabdruck aus den Romomainschen Forschungen, Band VII. Erlang.
 1891 — *Romanzestudien*. Geschichte einer alten Cidromanze. (Sonderabdruck Zeitschrift für Romanische Philologie). Halle.
 1891 — *Zur Cidareal-Frage*. (Sonderabdruck aus den Romanischen Forschungen. Band VII. Erlang.
 1891-1894 — *Portugiesische Litteratur*.
 1891-1894 — *Portugiesische Sprache*.
 1894 — *Fragmentos etymologicos*. (Extr. da Revista Lusitana, vol. III). Porto.
 1895 — *Anthero de Quental. In Memoriam*. Porto. (O artigo intitula-se: Anthero e a Allemaoha).
 1897 — *Garcí-Sanchez de Badajoz*. (Na Revista critica de historia y literatura españolas, portuguesas, e hispano-americanos, n.º 4). Madrid.

(1) O artigo do dr. Engel sahii em folhetim sob o titulo: *Eine deutsche Romanistin*.

(2) Vid. *Die Frau Monatschrift für dos gesamte Frauenleben unserer Zeit*, 1.º anno, fasc. 2.º, agosto de 1894, pag. 718.

- 1897 — *Dr. Hugo Albert Rennert, Cancionero del siglo xv. Der Spanische Cancionero des Brit. Mus.* (Separata da *Literaturblatt für Germanische und romanische Philologie*).
 1898 — *Contos maravilhosos para a infancia*, por Antonio Pena, Filho, insere uma carta.
 1899 — *Recuerde el alma dormida*. (Duas palavras ao autor da Antologia de poetas liricos. Paris.
 1899 — *Zum Cancionero von Modena*. (Separata bdruck aus *Romanische Forschungen*, Band VII). Erlang.
 1899 — *Estatinga Estatinga?* (Separata da revista ethnographica *A Tradição*, Lisboa, 1899.
 1899 — *Uma obra inedita do Condestavel D. Pedro de Portugal*. (Extrato da Homenagem á Menendez y Pelayo.) Madrid.
 1900 — *Lais de Bretanha*. Capitulo inedito do Cancioneiro da Ajuda. (Separata da *Revista Lusitana*. Vol. VI.) Porto.
 1900 — *Separatabdruck aus Literaturblatt für germanische und romanische philologie*, R. Fouché-Delbossec. Comedia de Calisto y Melibea. Unico texto autentico de la Celestina. Bibliotheca Hispanica. Observations sur la Celestine, in *Revue Hispanique*.) Paris.
 1900 — *Notas aos sonetos anonymos*. (Extrait de la *Revue Hispanique* Paris.
 1901 — *La Celestina*. Tragicomedia de Calisto y Melibea. Por Fernando de Rojas. Conforme la edición de Valencia de 1514, reproducción de la de Salamanca de 1500, cotejada con el ejemplar de la Biblioteca Nacional de Madrid. Con el estudio critico de la Celestina, nuevamente corregido y aumentado, del señor D. M. Menendez y Pelayo. Vigo.
 1901 — *Observações sobre alguns textos lyricos da antiga poesia peninsular*. (Separata da *Revista Lusitana*.) Porto.
 1901 — *Pedro d'Andrade Caminha*. (Extrait de la *Revue Hispanique*. Paris.
 1902 — *A infanta D. Maria de Portugal*. (1521-1577) e as suas damas. Porto.
 1903 — *Bibliotheca das Creanças. C. Perrault e I. Grimm. Novos Contos de Fadas*. Colligidos por Henrique Marques Junior. Lisboa. (Insere uma carta acêrca dos retratos dos irmãos Grimm.
 1904 — *Cancioneiro da Ajuda*. Edição critica e commentada. Halle. 2 vols.
 1905 — *As capellas imperfeitas e a Lenda das divinas gregas*. (Em *A Revista*.) Porto.
 1905 — *Lucius Andreas Resendius*, inventor da palavra «Lusiadas». (Separata do *Instituto*.) Coimbra.
 1905 — *Zum Sprichwörtertschatz des Don Juan Manuel*. Sonderabdruck aus *Bausteine zur romanischen Philologie*. Halle.
 1905 — *Tausend portugiesische Sprichwörter*. Braunschweig.
 1905 — *Algumas palavras a respeito dos pácaros em Portugal*. (Separata do *Bulletin Hispanique*).
 1905 — *Lucius Andreas Resendius Lusitanus*. Extrato do *Arquivo Histórico Português*. Lisboa.
 1906 — *Bibliotheca das Creanças, VII. Irmãos Grimm. Contos Cor de Rosa*. Colligidos por Henrique Marques Junior. Lisboa. (Preambulo de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, alem do conto inicial cuja traducção lhe pertence).
 1907-1909 — *Estudos sobre o romanceiro peninsular*. Romances velhos em Portugal. Extrato da *Cultura Española*. Madrid.
 1908 — *Contribuições para o futuro dicionario etimologico das linguas hispanicas*. (Separata da *Revista Lusitana*.) Lisboa.
 1910 — *As cem melhores poesias liricas da lingua portuguesa*. London.
 1911 — *Mestre Giraldo e os seus tratados de alceitaria e cetraria*. Separata da *Revista Lusitana*. Lisboa.

ALVARO NEVES.



O porto franco em Lisboa

Com este titulo foi publicado n' *O Seculo*, do dia 13 do corrente, um artigo editorial, em que é feita referencia ao auctor do respectivo projecto, Thomaz Cabreira, e ainda ao canal de Panamá.

Em tempo, nos artigos do *Correio Agricola de Lisboa e Tempo*, se a memoria me não falha, abracei a ideia de Lisboa, porto franco.

Encantam-me e captivam-me todos os propósitos de que, á luz da minha razão, se afigura poder derivar o maior desenvolvimento da terra portugueza e o seu progresso amplo.

No ponto restricto, porém, que tomei para encimar as presentes linhas já hoje sou hesitante quanto ao verdadeiro local.

Ha, na margem esquerda do Tejo, uma relativamente larga esteira peninsular onde Cezimbra e Setubal demoram, em condições de melhor aproveitamento, e que, á voz de energia activa e inquebrantavel, azinha seria para zona livre e grandioso laboratorio de mil industrias. O Sado a uma banda, o arsenal de marinha assente, por salutar transferencia, a outra, a ponte sobre o Tejo unindo, emfim, justificadissimamente o norte ao sul do paiz, e para lá dos montes de Al-

mada, a estender-se pela formosissima bacia de que Palmella é uma das sentinellas vigilantes, a casaria de fabricas e officinas, claramente denunciadas pela fumarada edificante a sahir das numerosas chaminés!

Parece-me, talvez, indicada ali, pela propria natureza, a delimitação de uma zona livre, de um porto franco, adstricto á capital, em termos e condições de satisfazer a todos os interesses legitimos, a todos os desejos honrados e todas as aspirações patrioticas.

Com isto não pretendo impugnar o projecto «Thomaz Cabreira». Ao seu espirito culto e ilustrado, ao seu vèr scientifico, á sua conspicua diligencia offereço a critica do alvitre aqui lembrado e no qual supponho, se convertido em realidade, argumentos a defendê-lo, em character mais pratico e de mais positiva incidencia economica.

O accesso maritimo a essa area esplendida, encontra-se aberto e facilimo de completa abertura, em praia que o Atlantico já beija em toda a linha e enflora em parte o rio da cidade berço, do Bocage, eternal.

Obras d'esta capitalissima importancia fariam da região por onde correm o Sado e o Tejo, um verdadeiro quadro, a provocar, perante a Europa e o mundo, a visita permanente dos seus navios e das suas gentes.

E então, em taes circunstancias, effectivada, na America, a ligação entre os oceanos pelo córte do istmo, a situação de Portugal, assim avantajada pela arte e intellecto, dominando a geographia, senhoreando os dados phisicos aproveitaveis do tractado, haveria de erguer-se e elevar-se muito mais, como estação de escala genuina e directa, que ninguém engeitaria.

Hoteis, á altura do movimento de passageiros de toda a parte, combos a comunicar em transporte rapido e quotidiano, de paiz a paiz, todas as estremas da Europa, requintes de civilização e esmeros de delicadeza a prender o estrangeiro e a despertar-lhe o gosto de percorrer as paisagens, os valles e os montes d'esta querida patria, que nos arabescos graniticos da serra de Cintra inspirou, outr'ora, a Lord Byron e no adusto e imponente Bussaco prefaciou a Welington o dia triumphal de Waterloo!

De qualquer maneira, todavia, importa-nos abrir mão de rhetoricas, inuteis deversas n'este fulgurante seculo de trabalho e de vida, que reclama o esforço operoso de individuos e de collectividades, a combinação e cooperacao promptas das mesmas forças do planeta e do cosmos, em sentido de avanço na maxima expansibilidade!

Esta orientação tem conduzido os norte-americanos á vanguarda das mais adiantadas nacionalidades e preparou-os para vencer todas as difficuldades e asperezas inherentes ao commettimento gigantesco de que, n'esta hora, se apruma, com cabido entusiasmo, o fêcho solemnissimo em S. Francisco da California.

Entretanto, quando elles nem sequer occupavam em sonho a mente de nenhum pensador, já Portugal irradiava em festões de gloria, n'esses passos de terra e mar, que haviam de fornecer ao genial cantor a materia prima do poema portentoso de LUSIADAS!

Desappareceu, feneceu, extinguiu-se, ha pouco, na ordem do tempo, mais um dia de Camões; pensamos em reviver para 1915, em centenario adequado, lembranças de Ceuta e recordações de Albuquerque: pois bem, aprestemo-nos, no intervalo, para formular logica razão de sêr, independente e autonomo, em cousa perduravel, que se fixe em prova de não quereremos perder a lição pratica da America do Norte, e em que emparelhemos na celebração, guardadas as proporções relativas, com o acto inaugurativo de Panamá!

Identifiquem se, no verdadeiro ideal de nacionalidade livre, communguem na pura taça da Democracia, com amor sincero e sem fél nos labios, fraternisem, realmente, para o hoje e para o amanhã, tantos portuguezes que uns aos outros se devem muito mais do que discussões ingratas, esterilidades fatuas, scenarios incoherentes, que estão longe de pertencer á categoria de Politica no significado certo e na interpretação philosophica da palavra, que é sciencia de governo e nunca tergiversação de dissidencias, fundamental e profundamente ridiculas no nosso caso, cubica de mando, fumos de vaidade.

A'vante, pela estrada de obras positivas, por valorisações economicas, por solução opportuna de problemas vitaes como este do porto franco e da zona livre, incontestavelmente de primacial modalidade, para nós e para o estrangeiro.

14-6.º-912.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

A Missão Panamá Pacífico, em Lisboa (Veja Cronica Occidental)



EM CASA DO SR. MINISTRO DA AMERICA — Em pé da esquerda para a direita: T. Hardel, dr. Celestino d'Almeida, Stanton, H. de Mendonça, Hale, Marquês de Stempel Torricela, general Edwards, ten.-coronel Alberto da Silveira, cap. Eça d'Almeida, cap.-ten. Sousa Dias, Ministro da America, Dr. Bernardino Machado — Sentados: dr. Sidonio Paes, Anselmo Braancamp Freire, Ministra da America, dr. Augusto de Vasconcellos, dr. Antonio Macieira.

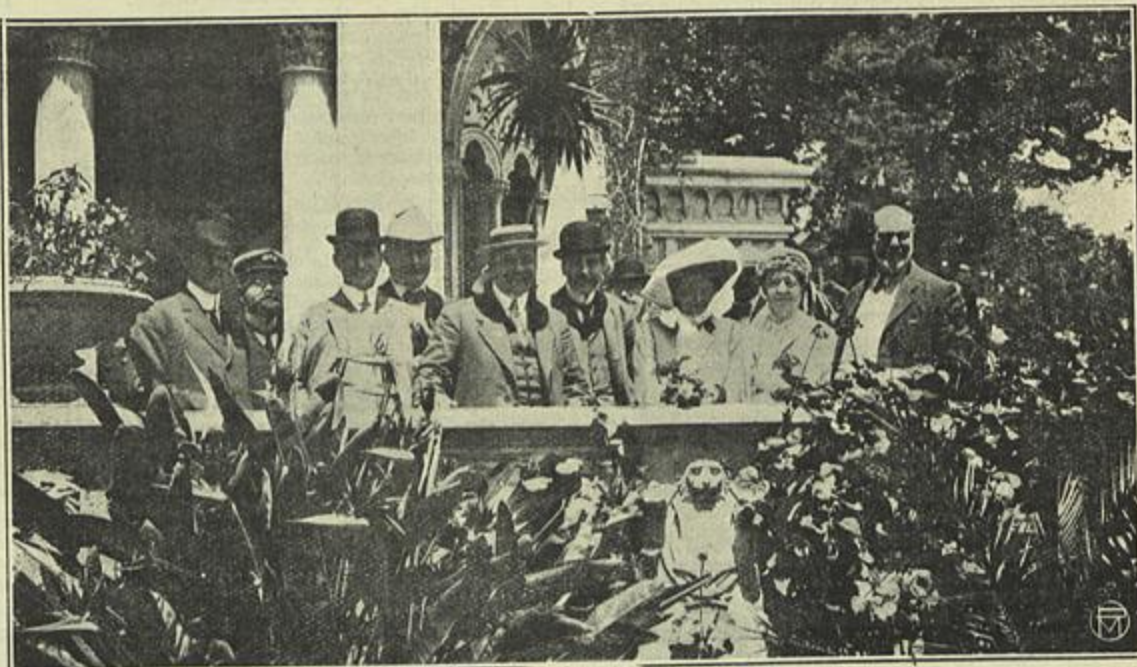
O Concurso Hípico Internacional

Este concurso de ano para ano tem ganho em importancia, já pela bem orientada propaganda da Sociedade Hípica, despertando a concorrência do publico, já porque, em cada ano, tem melhorado os seus programas, aumentando as dificuldades a vencer aos concorrentes, por isso que os premios se tornam mais numerosos e importantes.

E' o que se observa no concurso deste ano em que o numero de concorrentes aumentou ao passo que aumentou o numero de cavalos e eguas nacionaes e estrangeiras para as corridas.

Os premios elevam se a 5:000\$000 de réis, e se estão longe do que lá fóra se despende nestes concursos, é relativamente ao nosso meio uma verba de certa importancia.

Deste modo, o concurso hípico em Lisboa, já se poderá comparar aos melhores do mundo e tanto isto é assim



que a Internacional Horse Shows, de Londres, não duvidou enviar palavras de muito louvor á nossa Sociedade Hípica.

Para mais interesse, este ano cresceu o numero de senhoras a concorrerem ás provas hípicas, o que aumentou o atrativo das corridas e redobrou o entusiasmo dos espectadores.

O concurso principiou no dia 16 do corrente, continuando nos dias 18, 20 e 23 em que deverá concluir.

As provas realizadas até o dia 18, aquelas a que nos podemos referir neste numero, foram as de *Discipulos*, *Ensaio* e *Omnium*, em que, respetivamente estavam inscritos 19, 55 e 101 cavalos, mas só se concluíram as duas primeiras no dia 16, com as seguintes classificações:

Discipulos — 1.º, Luis Silva, na egua «Dora», em 1' 2'', sem faltas; 2.º, Ruy Tojeiro, da Escola de Educação Física, no «Conspirateur», em 1' 10'', sem faltas; 3.º, A. Soares de Oliveira, no «Canario», em 49'', com 1 falta; 4.º, José Rocha, no «Tourbillon», em 59'', com 1 falta; 5.º, A. Pizarra, no «Halley», em 1' 7'', com 1 falta; 6.º, Mario Duarte, no «Goliath», em 1' 9'', com 1 falta.

O Concurso Hípico Internacional



A ASSISTENCIA

Os premios são: objetos de arte aos dois primeiros, laços aos quatro ultimos.

Ensaio—1.º, F. Pessoa de Amorim, no «Prize», em 1' 15'', sem faltas; 2.º, Carlos Abrantes, no «Juarito», em 1' 20'', sem faltas; 3.º, mr. Brunot, da Escola de Educação Física, no «Boy», em

faltas; 7.º, Pina Manique, no «Maçarico», em 1' 17'', 4, sem faltas; 8.º, Lucio Nunes, no «Garoto», em 1' 20'', com 1/2 falta.

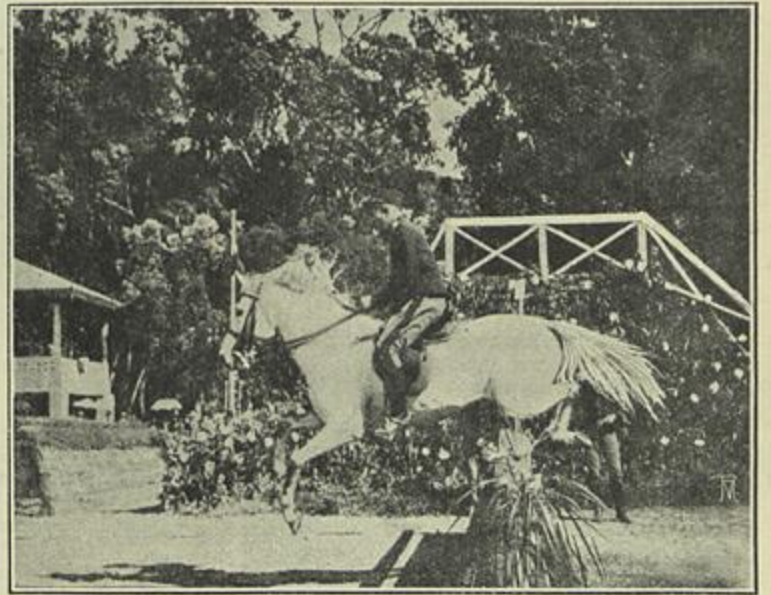
Os premios para esta prova são: 1.º, 80\$000 réis; 2.º, 40\$000 réis; 3.º, 30\$000 réis; 4.º, 20\$000 réis; 5.º, 6.º, 7.º e 8.º, laços.

1.º, 200\$000 réis e a medalha de ouro oferecida pela importante agremiação londrina International Horse Shows, ao tenente H. Constancio, no cavalo «Cock-Tall», em 1' 37'' 1/2, sem faltas; 2.º, 150\$000 réis, ao capitão André Reis, no «Nero», em 1' 46'', sem faltas; 3.º, 80\$000 réis,



SALTO DE BANQUETA

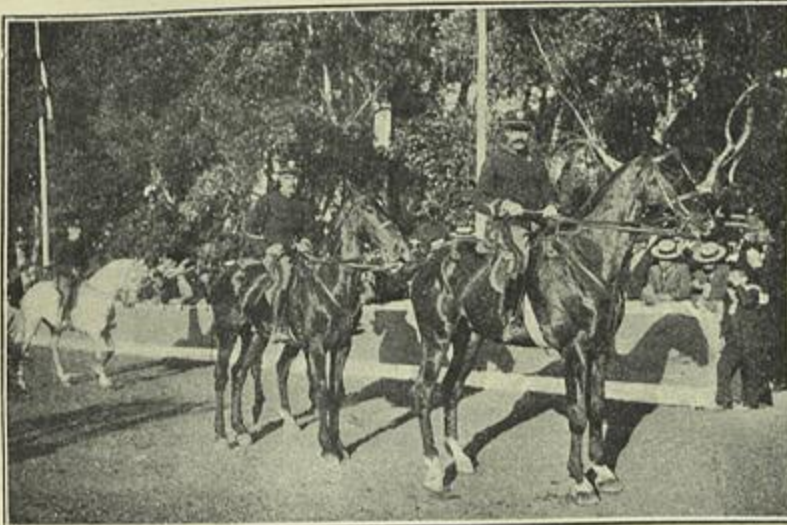
1' 22'', sem faltas; 4.º, Jara de Carvalho, no «Divas», em 1' 26'', sem faltas; 5.º, J. Pedro de Faria, no «Campino II», em 1' 28'', sem faltas; 6.º, José Alverca, no «Pinoca», em 1' 28'' 1/5, sem



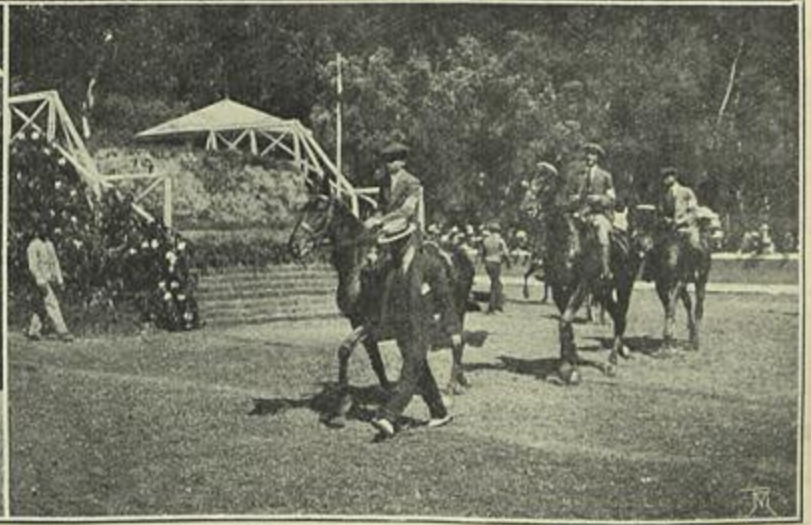
SALTO DE VARAS E SEBE

No dia 18 realizaram-se as provas de concurso Nacional e a de *Sargentos*, nova este ano. As classificações foram respetivamente as seguintes:

ao tenente H. Barata, no «Cana», em 1' 46'', sem faltas; 4.º, 50\$000 réis, ao tenente Jara de Carvalho, em 1' 47'', sem faltas; 5.º, 40\$000 réis, ao aspirante Pina Manique, na «Serrana», em 1'



1.º E 2.º VENCEDORES DA PROVA D'ENSAIO



VENCEDORES DA PROVA DE DISCIPULOS

(Clichés Benoliel)

58'' 1/5; 6.º, 30\$000 réis, ao aspirante Pina Manique, no «São», em 2' 7'' 1/5, com 1/2 falta; 7.º, 25\$000 réis, ao capitão Manuel Latino, no «Brutus», em 1' 45'' 3/5, com 1 falta; 8.º, 25\$000 réis, ao tenente A. Botelho, no «Malakoff», em 1' 51'' 2/5, com 1 falta; 9.º, laço, ao aspirante Dias, no «Escudeiro», em 1' 54'' 1/5, com 1 falta; 10.º, laço, ao alferes José Alverca, no «Atalaia», em 1' 55'' 3/5, com 1 falta; 11.º, laço ao aspirante Antonio Guimarães, no «Cicrate», em 1' 57'', com 1 falta; 12.º, laço, ao aspirante Pina Manique, no «Tinoco», em 1' 57'' 3/5, com 1/2 falta.

1.º premio, 30\$000 réis, 2.º sargento de cav. 2, Gonçalves, no «Royal», em 1' 12'' 1/5, sem faltas; 2.º, 20\$000 réis, 2.º sargento da Escola de Guerra Raul Pereira, no «Cana», em 1' 15'' 1/5, sem faltas; 3.º, 10\$000 réis, 2.º sargento da E. G., Antonio Serra, no «Atalaia», em 1' 30'' 2/5, sem faltas; 4.º, laço, 2.º sargento de cav. 2, Sousa, no «Vedeta», em 1' 39'', com 1/2 falta; 5.º, laço, 2.º sargento de cav. 2, Neves, no «Sizandro», em 1' 18'', com 1 falta; 6.º, laço, 2.º sargento de cav. 4, Albino de Oliveira, no «Zurka», em 1' 28'' 1/5, com 1 falta.

No proximo numero esperamos dar a conclusão das corridas que hoje se estão realisando, assim como as do dia 23.



O elogio do dr. Alves de Sá

Reuniu a Associação dos Advogados em sessão solemne de 12 do corrente, para prestar sua homenagem á memoria do dr. Eduardo Dally Alves de Sá, inaugurando-lhe o retrato na sala das suas sessões, e fazendo-lhe o elogio, o sr. dr. Artur de Carvalho.

Nunca é demais honrar a memoria daqueles que por seus talentos e virtudes invulgarmente se elevaram, no conceito dos seus concidadãos e, ainda mais, concorrendo com todas as forças da sua intelligencia, ao grande trabalho da civilização do seu país e do seu tempo.

Nestas condições estava Alves de Sá, pela triplicidade de ser um luminar da sciencia do direito, um filosofo profundo e um artista de raça.

Não ha duvida que Alves de Sá foi tudo isto, e assim o confirmou o sr. dr. Artur de Carvalho no bem tecido elogio que proferiu naquela sessão solemne, presidida pelo sr. dr. Veiga Beirão, secretariado pelos srs. drs. Vicente Monteiro e Moraes de Carvalho e em presença de uma assistencia selecta da advocacia portugueza.

Principiou o sr. dr. Artur de Carvalho por notar que a morte de Alves de Sá passasse na imprensa como um facto banal da necrologia quotidiana. Esta observação do illustre panegirista não cabe ao OCCIDENTE que, tanto em vida, como na morte, prestou as homenagens devidas a este notavel juriconsulto e artista, como de resto presta sempre a todas as individualidades que interessam á historia deste país.

O dr. Alves de Sá foi uma dessas individualidades e das mais valiosas, que não se podem facilmente olvidar porque, como muito bem disse o sr. dr. Artur de Carvalho, interessava a sciencia e a arte, em subido grau, o que é raro reunir num mesmo individuo.

Póde até afirmar-se, como afirmou o conferente, que Alves de Sá nascera fadado para ser um vulto eminente, qualquer que fosse o ramo da actividade humana a que se dedicasse.

Apreciando o juriconsulto e filosofo, o sr. dr. Artur de Carvalho cita o trabalho, publicado por Alves de Sá, em 1877, complemento da dissertação que fez para o concurso a substituto da cadeira de direito, em 1872, com os primeiros quatro capitulos da monografia *Enfiteose e o Usufruto*, sob as epigraphas: *A actualidade do direito civil legislado, estudos criticos de direito civil applicado ao codigo portuguez*.

E continua:

«Eduardo Alves de Sá era em sciencia um apaixonado de A. Comte.

Seguia a escola positivista, e conhecia-a tão profundamente, que algumas vezes, em pequenos trabalhos, e até em conversas, viam-se prejudica-

das as scintilações do seu grande espirito pelo sectarismo da escola.

Mais de uma vez ele diz algures, que se não póde ser um juriconsulto sem ser filosofo.

E na maioria dos seus trabalhos o instituto juridico, cuja tecnica o ocupa, é dissecado á luz da filosofia positiva.

Dos seus trabalhos destacam-se:

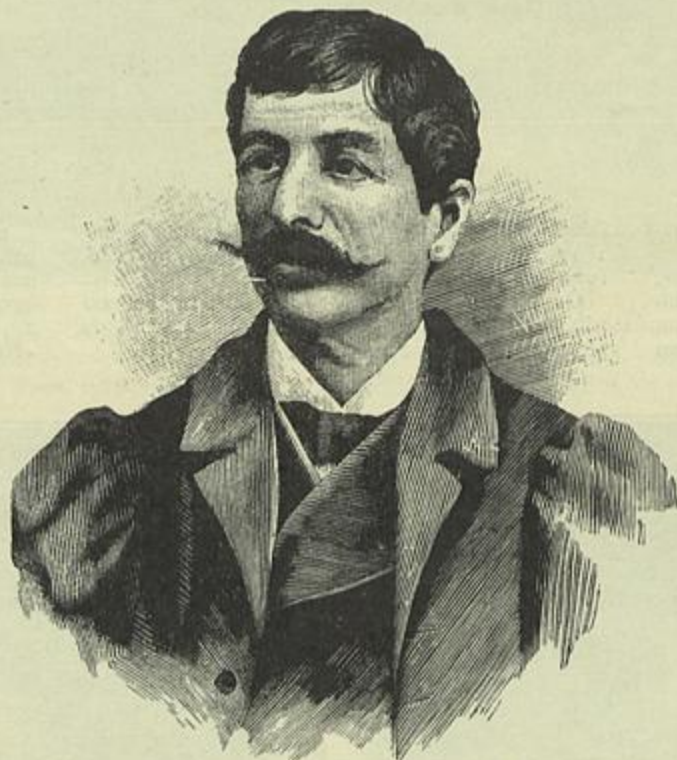
Dos direitos da Igreja e do Estado a respeito da Ereccção, Supressão, União, Divisão e Circumscrição das Diocesses e Metropoles.

Dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas, publicada em 1872.

E' um estudo completo da legislação geral da Igreja e Legislação Ecclesiastica Portugueza sobre o assunto do livro.

Uma critica scientifica á altura do seu talento envolvida em primores literarios.

Chega a ser agora um livro palpitante, visto



DR. EDUARDO DALLY ALVES DE SÁ

que nele se defende brilhantemente a Separação da Igreja e do Estado.»

Os seus primeiros trabalhos scientificos são:

«O discurso inaugural sobre o *Estado da Sciencia do Direito Civil*, proferido nesta Associação na sessão de 8 de outubro de 1873, publicado no 1.º volume da *Gazeta da Associação dos Advogados*.

Os estudos criticos sobre os trabalhos da segunda revisão do projecto do *Codigo do Processo Civil* na comissão do governo, publicados no mesmo volume da nossa *Gazeta*.

Um e outro são trabalhos assombrosos de exegese juridica, de que não póde dar uma ideia, visto que o advogado tem de lhe merecer mais detalhada apreciação.

No mesmo volume da *Gazeta* encontram-se mais trabalhos de Alves de Sá, o que não admira porque ele era a alma da comissão directora da *Gazeta*, composta de Antonio e Eduardo Abranches Ferreira da Cunha, de Henrique e Eduardo Alves de Sá, de Franco de Castro e Vicente Monteiro.

Acolá um estudo sobre sepultura ecclesiastica. Mais adiante occupa-se do fóro competente para as accções de letra não havendo estipulação expressa para esse fim.

A apreciação do 3.º volume do *Bullarium Patronatus Portugaliae in ecclesiis Africa, Asiae atque Oceaniae* do visconde de Paiva Manso.

Como trabalhos mais modernos:

Os tres volumes do *Comentario ao Codigo do Processo Civil*.

As primeiras explicações do *Codigo Commercial Portugues* das quaes só viu a publicidade o 1.º volume.

As *questões usuas de Direito Civil e Direito Commercial* essencialmente na parte do 2.º volume que se occupa; — *Do principio de passividade da justiça no processo civil portuguez: primeiros*

traços da reconstrução das teorias arcaicas da mecanica judicial portugueza.

A *Bibliografia Juridica Portugalensis*, obra que deixou tambem em começo, pois publicou apenas em 1898 6 fasciculos formando dois volumes e 5 em 1902 noutro volume.

O valor destas obras é reconhecido no mundo forense. Alves de Sá, desde a iniciação dos seus trabalhos, se distinguiu vantajosamente e assim, as distincções scientificas com que o honraram, tambem ele as honrou dignamente.

Eil-as:

Socio da Associação dos advogados, votado em sessão de 27 de abril de 1873. Socio correspondente do Instituto de Coimbra. Socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Academico correspondente da Academia Real de Jurisprudencia y Legislacion de Madrid (Diploma de 3 de abril de 1874). Socio academico de merito da Academia das Sciencias Sociaes, sucursal do Instituto 19 de Setembro de Lisboa (16 de maio de 1900). Membro honorario do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, do Rio de Janeiro. Diploma de primeira classe e medalha na Exposição Internacional de trabalhos juridicos do Rio de Janeiro, promovida por aquele Instituto. Membro da União Internacional de Direito Penal, a cujo congresso, reunido em Lisboa em 1897, ele deu o brilho do seu talento e actividade. Socio ordinario da Real Associação Central de Agricultura Portugueza.

Tratando do advogado como defensor dos interesses industriaes e commerciaes, referiu-se o sr. dr. Artur de Carvalho, ás celebres questões tratadas por Alves de Sá, como foram a da Companhia do Nyassa, da Companhia de Moçambique, Carris de Ferro, da Empresa das Aguas de Vidago, do Gerez, etc.

Cita a questão capital do celebre processo contra o capitão de fragata Augusto de Castilho, intentado em 1894, e de que o OCCIDENTE se occupou (1)

Sobre este notavel processo, a corôa fórense de Alves de Sá, aprecia o conferente em largas considerações, citando todos os trabalhos que o illustre advogado publicou, que só por si bastavam para fazer a sua reputação.

E' um trabalho de profunda sciencia fórense, de serrada argumentação conscienciosamente documentada, cuja contestação do libelo consta de 105 artigos!

Pesa-nos não nos sobrar espaço para seguir-mos o conferente nas suas considerações sobre este processo, mas por muito que nos falte, não podemos deixar de inserir a carta que o dr. Alves de Sá dirigiu a Augusto de Castilho depois de concluido o julgamento e absolvido o brioso official da marinha portugueza, que tão altamente soube honrar a sua patria.

Esta carta é tão honrosa para Castilho como para Alves de Sá pela sua insenção, grandesa de alma e prova de verdadeiro patriotismo, de um coração bem portuguez:

«Disse-lhe hontem que ia agora arranjar as minhas cousas do escritorio, para conseguir uns dias de descanso, e que depois trataríamos da maldita prosa da «questão financeira», como lhe chamou.

«Cumpre-me, porém, explicar-lhe, que não me referi a honerarios, pois estes não os tenho, nem os posso ter nesta causa.

«Não é favor, nem desistencia, que seriam offensivos para v. ex.: é que eu não «devo professionalmente receber dinheiro por uma causa nacional», onde se debatia a honra do nosso Portugal e da nossa marinha.

«As ultimas palavras que se ouviram naquela sala (enorme moralmente) foram as minhas, ao fechar os debates. Viva a Patria.

«Eu ficaria deshonrado se dissesse essas palavras por «dinheiro».

«Não é preciso dizer mais:

«V. ex., que de tão perto fiquei conhecendo, «sente e entende» tudo isto muito bem.

«Perdôe-me se com esta carta mesmo, por ventura desnecessaria, o melindro de qualquer modo; mas a ideia de que por mais um minuto ficava no seu espirito a duvida, que fosse, a respeito disto, oprimia-me insuportavelmente.

«O nome de Castilho não devia ser defendido por um nome deshonrado ou vilão.

«Quando recebi o meu, de meu pae como v. ex.^a o do seu grande poeta, estava capaz de se ligar ao seu. Se agora procedesse de outro modo, os dois nomes não se podiam conjuntar dignamente.

«Aqui está, pois, como espero continuar a mecer a sua amisade, malgré ceci.

«C. de v. ex.^a — 14 de janeiro de 1895.

(a) Dr. Eduardo Alves de Sá.»

Terminando esta breve noticia da homenagem prestada á memoria do falecido, homenagem a que do coração nos associamos, reproduzimos as palavras com que o sr. dr. Artur de Carvalho fechou o elogio de Alves de Sá:

«No nosso tão belo como querido Portugal, outr'ora denominado no Oriente a Capital da Europa, nasceu, viveu e morreu um advogado a quem o grande Puillet, ali invocado, não desdenharia chamar o advogado perfeito por ele descrito.»



Questões d'arte

Um artista esquecido, Johann-Rudolph Zumsteeg

(1760-1802)

VII

Na mesma época Zumsteeg tinha-se ligado intimamente com um certo conselheiro Lessing, sobrinho do grande escriptor, de passagem a Stuttgart. Lessing ponde então ouvir umas pequenas composições de Zumsteeg, obras que mais tarde nós vimos nos cadernos que ficaram na mão da mulher do compositor.

Zumsteeg trabalhava agora na sua nova obra, *Die Pfan enfest*. Julia Kuffmann, que deveria crear o papel principal, cahiu doente e morreu; uma outra cantora escripturada para a substituir, depois de dois ensaios, adoeceu também! Finalmente chegou o dia 24 de fevereiro de 1800, a sua primeira representação foi um enorme successo; mas na segunda recita a obra foi prohibida por ter offendido a familia ducal!

Uma opera comica, a *Elbondocani*, foi acabada por Zumsteeg pouco antes da sua morte. Foi representada em Stuttgart em 1803 até ao momento em que o *Califa da Bagdad* de Boieldieu (o assumpto era o mesmo) appareceu em 1820.

Zumsteeg tinha composto antes duas cantatas; o duque pede-lhe uma *Cantata da Paz* que deveria ser terminada em dois dias e uma *Cantata funebre* pela morte do conde Zeppelin. Esta ultima obra foi composta em algumas horas, os copistas iam trabalhando ao mesmo tempo que o auctor.

D'ahi a pouco d'esta composição serviu também aos funeraes do auctor.

Zumsteeg assistiu em 26 de janeiro de 1802 a um concerto de Marianna Röchgenner, uma joven cega, mas uma grande virtuose. A sahida Zumsteeg entrou em casa bem disposto, mas no dia seguinte pelas sete horas da manhã, sentindo fortes dores no peito, chamou sua mulher e os filhos, despedindo-se de todos. Quando o medico chegou, o compositor já não era d'este mundo.

A sua morte foi chorada por todos, pois Zumsteeg apenas soube semear á roda de si a estima e a bondade.

A viuva ficou na miseria, mas a casa Breitkopf deu-lhe uma mensalidade digna de nota. Luiza viveu até 1837 venerada por todos os seus filhos. A sua filha Emilia revelou grandes qualidades para a musica, pianista e auctora notavel foi mais tarde uma respeitavel professora em Stuttgart; compoz uma cantata em honra da memoria de Schiller. Emilia Zumsteeg falleceu em 1857.

No proximo artigo e ultimo publicaremos uma lista completa das obras do grande compositor, vendo-se quanto elle foi um homem de aturado trabalho.

(Continúa.)

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



Os fortes e os tenazes acabam sempre por dominar a fortuna que é uma mulher.

As ultimas perdizes

(Concluido do numero antecedente)

O escrevente percebera o belo efeito que a sua resposta havia produzido, e ia proseguir na arenga, quando a governanta, sempre desconfiada, atacou:

— Mas o sr. Inacio ainda ontem á noite disse aqui que não tinha encontrado a tal senhora, que eu bem ouvi.

O Inacio, cada vez mais senhor de si com a piscadela de olhos do doutor, foi respondendo muito lépido.

— Exatamente, exatamente, pois se eu só depois é que dei pelo engano. Depois de matutar toda a noite é que me lembrei que a carta era para o sr. dr. Eusebio, conforme o senhor me tinha dito. A caçada e as cargas de agua que apanhei tinham-me transtornado as ideias.

— E as perdizes, também, completou a governanta, em ar de mofa.

— As perdizes sr.^a Germana foram os meus pecados; mas eu para fazer a vontade ao sr. doutor ia até ao inferno se fôsse preciso.

O dr. Gil já dava pulos de contente na cadeira, por vêr a esperteza do escrevente, que elle nunca supozera; sentia-se capaz de o abraçar, de o beijar, de lhe pedir até perdão das descomposturas que lhe pregara e, reconhecido, exclamou:

— Obrigado meu amigo, muito obrigado. Bem sei a quanto chega a sua dedicação por mim; depois dirigindo-se á governanta, acrescentou. — Também lhe estou cada vez mais reconhecido Germana. E' uma boa amiga que sempre se tem interessado por mim de modo pouco vulgar. Devo-lhe muito Germana.

— Lá isso deve, acudiu a governanta soltando um profundo suspiro.

— Afinal estamos todos endividados, concluiu o Inacio em tom de graça, pois as palavras do doutor tinham-lhe desanuviado completamente o espirito.

A Germana, se não estava absolutamente convencida da verdade de toda aquella historia do dr. Eusebio, mostrava se, pelo menos, vencida, apresentando um ar mais satisfeito, o que não escapara á prespicacia do dr. Gil...

* * *

O sol entrava agora pela janéla enchendo o quarto com a alegria da sua luz.

Até fazia calor.

O dr. Gil afrontado com tanta roupa, principiava a alijal-a, levantando-se da cadeira e, dando alguns passos na casa, parou em frente do espelho do seu guarda-fato, onde viu a figura bastante grotesca que apresentava sob os abafos que ainda o cobriam. Viu mais que o bigode, em desalinho, distingira com a chuvada que apanhára, e estava agora tão branco como a camisa que vestia.

Naquelas poucas horas dir-se-ia ter envelhecido dez anos, e um suspiro fundo lhe sahiu do peito, sem querer.

Foi um rebate que tocou no coração da Germana que, pressurosa e meiga, perguntou.

— Que tem sr. doutor? doem-lhe mais os rins?

— O que me doe é o coração, voltou o doutor pondo a mão no peito.

— O melhor é ir chamar um medico, ofereceu o Inacio, prestavel.

— Também me parece, confirmou a Germana com enfase.

— Nada disso é preciso, disse o dr. Gil com sentimento. A minha dôr é mais moral do que fisica. Preciso de quem me trate com carinho, mesmo com amor e comtudo...

A Germana, sensibilizada até ás lagrimas, não deixou o doutor concluir, e arrojando-se-lhe como Magdalena aos pés de Cristo, exclamou, entre soluços.

— E não me tem aqui, senhor!

Foi o que o doutor quiz ouvir. No seu espirito tinha-se operado uma grande mudança, que o espelho melhor lhe justificara. Estava velho e já não haviam Vitorias possiveis, de terem por elle, senão mais amor, pelo menos mais amisade, do que a Germana, com quem vivia ha vinte anos, a qual lhe dispensava todos os cuidados e carinhos de que elle cada vez mais precisava para tranquillidade e conforto do seu viver.

Tinha chegado á altura de acabar com a vida de solteiro, e ninguém melhor do que elle o poderia fazer com acerto, tendo uma Germana de provada dedicação e de bom governo de casa.

Eis porque o dr. Gil só esperava ouvir aquella

declaração da governanta, depois dos arrufos e questões de toda a noite, para declarar também a resolução em que estava.

— Obrigado, Germana, você é o anjo bom desta casa, que pôde considerar sua de hoje em diante para todos os efeitos. Vae ser minha mulher á face da... igreja, ia a dizer, mas lembrando-se dos tempos em que estava, emendou, da lei.

A Germana, soltando um estrepitoso arrôto de flato, deixou-se cahir sobre uma cadeira, como se tivesse chegado estafada ao cimo de uma montanha de penosa subida.

O Inacio, boquiaberto, mal compreendia o que estava vendo e ouvindo, piscando os olhos nervoso e aos pulinhos, como uma creança.

Só o dr. Gil mostrava a serenidade, a impavidez do conquistador que alcançara uma vitoria, não aquella que por momentos o alucinara, serôdiamente, mas a que lhe garantia, porventura, o bem-estar comodo e confortavel que os seus cincoenta e tantos janeiros reclamavam.

Por fim foi o Inacio que interrompeu o curto silencio daquele momento solemne lembrando chocalheiramente.

— Para as bôdas já não falta tudo sr. doutor. Pelo menos já tem duas perdizes, que bastante trabalho me deram.

A Germana, ouvindo falar nas perdizes, teve um estremecimento nervoso e sahiu-se a dizer:

— Lá isso não. Eu não lhe ponho bôca. Bem basta o que basta. Olhe sr. Inacio, se as quer pôde leval-as, disse, com a semceremonia de quem já punha e dispunha.

O dr. Gil concordou, ainda que custando-lhe passar sem aquele petisco, que aliaz também apreciava; mas mal parecia ir já de encontro á vontade de sua mulher.

Entretanto o Inacio continuando aos pulinhos, agradecia as perdizes e muito satisfeito, conceitualmente sentenciava:

— «Guardado está o bocado para quem o hade comer!»

CAETANO ALBERTO.



Litteratura Estrangeira

III

A'cêrca do romance *Casamentos Fidalgos*, de Octavio Feuillet, recentemente publicado.

A livraria Guimarães & C.^a, da rua do *Mundo*, de que é gerente o nosso querido amigo Paulo Martins, que ultimamente tem publicado primorosos romances de Balzac, Daudet, Lamartine e Zola, delicia-nos agora com o bonito romance — *Casamentos Fidalgos* — de Octavio Feuillet, de quem Julio Claretie escreve:

«Octavio Feuillet tem de facto, na litteratura do tempo, uma physionomia especial: é um *gentleman* na ampla accepção do termo, d'uma graça encantadora, attraente, d'um espirito requintado, muito simples, simultaneamente, sem arrogancia alguma, amando a gloria e detestando o ruido, e é um romancista ousado, um dramaturgo que *ousa* mais do que muitos outros, mas que nas analyses mais subtyís e mais perturbadoras dos seus romances, como nas situações mais pungentes das suas peças, mantêm sempre não sei que correcção superior e uma graça fidalga que lhe permittem tudo dizer e tudo arriscar...

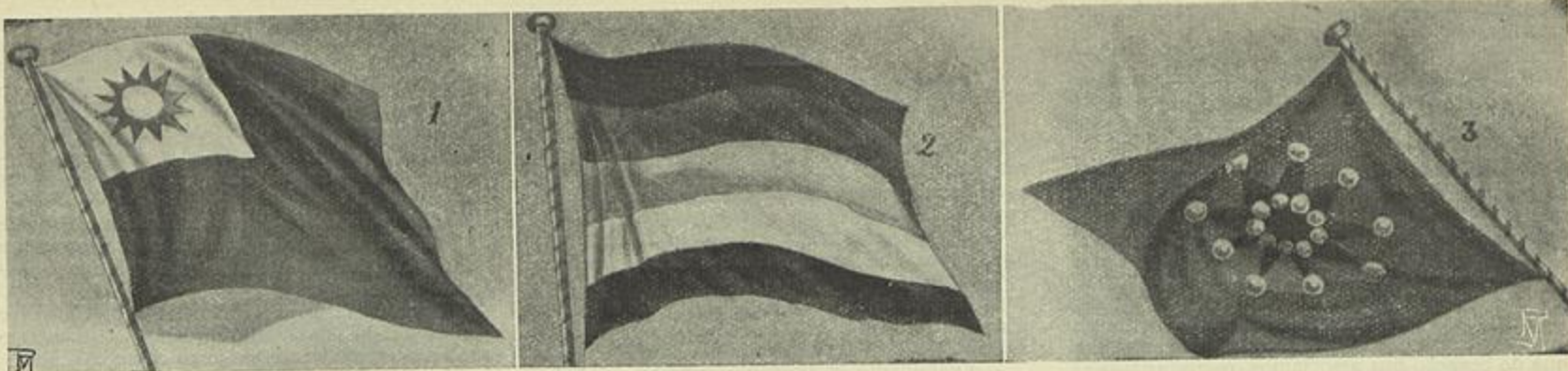
«E Octavio Feuillet fazia-me notar que a maior parte das suas obras, tão essencialmente mundanas e parisienses, haviam sido elaboradas no silencio e no socego do seu retiro de Saint-Maldô...

«O que li, reli, o que me commoveu e attraíu, nas m'has primeiras leituras, foram as comedias de aventuras e os dramas romanticos dos inicios de Octavio Feuillet...

«Octavio Feuillet é, de facto, penetrado das poesias familiares que dão um dôce sabor ás obras humanas...

«Cada um dos romances d'este penetrante poeta, desde a *Petite Comtesse até á Histoire d'une Parisienne*, passando pelo *Roman d'un jeune homme pauvre*, *Histoire de Sybille*, *Monsieur de Camors*, *Julia de Fréca*, *Amours de Philippe*, cada um d'esses livros de um encanto irresistivel, d'uma essencia superior, parece dar razão a essa bonita phrase de Vitet, falando de *Redemption*, da *Urne*, do *Village* e do *Fruit défendu*:

«A ultima das vossas obras que se lê é sempre aquella que se julga estimar mais.»



AS BANDEIRAS DA NOVA REPUBLICA CHINESA — (Cliché da «Mala da Europa»)

Estas palavras de Claretie dão bem a nota do que é o estylo e o valor litterario de Feuillet para que nós acrescentemos mais sobre o merecimento dos *Casamentos Fidalgos*, cuja traducção, firmada por Manuel Pinheiro Chagas, que punha um pouco d'amor nas traducções que fazia, se pôde lêr no volume 79 da collecção *Horas de Leitura*.

Agradecendo a remessa de um exemplar, prestamos um serviço ás senhoras, aconselhando-lhes a leitura d'este romance que lhes deleitará o espirito nos ocios dos seus afazeres domesticos.

XIV-V-CMXII.

RUY D'ABOIM.

As bandeiras da Republica Chinêsã

Estava reservado ao seculo xx revoltar a China no sentido de mudar-lhe as instituições.

Na China, nesse país, por assim dizer, tão velho como o mundo, lá nos confins da Asia, onde a civilisação da Europa não conseguiu penetrar, atravez de tantos seculos, a Republica é hoje um facto.

A grande revolução que se estendeu a toda a China e causou o espanto da Europa, proclamou o regimen republicano, fazendo capitular a decrepita monarchia imperial que a governava.

As vastas provincias que compõem a China, e não poucas são elas, em numero de dezoito, formaram governos, reorganizaram as suas forças militares, e não se poderá dizer que toda esta transformação, não obedecesse a influencias japonesas, em cujo país o partido republicano vae ganhando terreno dia a dia.

O país do sol nascente que brilhava na sua bandeira, quasi como um simbolo de divindade, mudou esse simbolo para uma estrela que não deixa de ser tambem celeste.

Tres são as bandeiras que adotou, a saber:

A primeira, ou o Pavilhão Mercante, é todo vermelho, com quartel branco e ao centro deste uma estrela azul aberta. A segunda, ou Pavilhão Nacional, compõe-se de cinco fachas das côres, vermelha, amarela, azul, branca e preta. A terceira, ou Pavilhão da Marinha de Guerra, é todo vermelho com uma estrela preta ao centro e perolas amarelas em volta.

Assim ficará o leitor conhecendo as bandeiras da novel Republica, no velho e derruido Celeste Imperio, onde, desde 1644, imperava a ultima dinastia de Chitsong, representada por fim por uma creança, sob a regencia de sua mãe.

PELOS TEATROS

E' grande o número de revistas que durante o ano sobem á scena nos teatros de Lisboa.

Creio que ha muito quem faça revistas esquecendo-se de que para isso é necessaria uma graça pouco vulgar e não a suja pornografia de que a maior parte desses autôres se valem para conseguir impôr as suas producções a um público que muito aprecia esse género.

A maior parte dessas revistas são representadas em teatros de quarta ordem e fazer-lhes referência seria trabalho indigno porque estão abaixo de toda a crítica.

Seria para desejar que a outros espectaculos se dessem os seus frequentadores habituais, mas é certo que burro velho não aprende linguas e aquilo para elles é já habito inveterado que anda aliado a uma falta de educação artistica que, mêsmo em classes que se dizem cultas, existe em muito pequeno grau.

Temos no entanto de voltar a nossa atenção para os teatros de maior categoria em que por vezes aparecem tambem as revistas.

Parece-me que aqui poderemos ser mais exi-

gentes porque para acção nociva basta a dessas casas de spectaculo que nos repugna chamar teatro.

Duas revistas se estão agora representando, uma no Apolo, outra no Avenida, intituladas respectivamente *Preto no Branco* e *Có-có-ró có*. A primeira de Acacio Paiva e música de Filipe Duarte tem alguns quadros com graça pelas alusões politicas, principalmente o primeiro do 3.º acto em que parodia o triloquio de Danton, Marat, Robespierre, ao 93 de Victor Hugo. Além de lhe faltar essa originalidade que tão difficil se torna de obter em trabalhos deste género, lucha principalmente com a falta de interpretes.

Lá está o Nascimento Fernandes que se tornou querido do público e que é um bom cómico, o Alegrim que sempre consegue ter graça e Amélia Pereira, que da parte feminina é a única actriz que consegue animar a scena com aquela graça *canaille* que é indispensavel para frisar certas personagens que sem isso se tornam enfadonhas.

Os côros pessimamente e absolutamente estranhos ao papel que ali representam.

A revista do Avenida, de Ernesto Rodrigues, André Brun e Felix Bermudes, música original e coordenada de Assis Pacheco e Tomás Del Negro, contando com elementos mais apropriados para o género, tendo à sua frente o inimitavel José Ricardo, que por si só bastaria para tornar engraçada a revista ainda que graça não tivesse, a longa série de calembours, a leveza das ironicas alusões, o ambiguo das passagens mais escabrosas, o brilhantismo do scenário e a profusa comparsaria, fazem dela um espectáculo atraente do qual se não sae com aquela má impressão que sempre nos deixam os ditos grosseiros ou pouco subtis.

Fazem parte da companhia Cremilda de Oliveira, Isabel Fragoso, Almeida Cruz e Amarante.

A. N.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do país, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

PHOTOGRAPHIA FERNANDES

Photo-oleographia ou photographia colorida a oleo

ESPECIALIDADE EM RETRATOS DE CRENÇAS

Reproducções — Ampliação — Trabalhos fóra do atelier

LISBOA — RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

CONTRA
A TOSSEMARQUE PEITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C.ª, Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais effeaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debeis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis

Cada lata " " " " 240 "

A' venda em todas as pharmacias